

**DESAFIOS DA INCLUSÃO E DA ADAPTAÇÃO DE CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) EM ESCOLA COMUM¹**
*CHALLENGES OF INCLUSION AND ADAPTATION OF CHILDREN WITH AUTISM
SPECTRUM DISORDER (ASD) IN A NORMAL SCHOOL*

Elisandra da Silva Lemos Lazzarotto²; Sheila Fagundes Goulart³

RESUMO

No meio escolar muitos desafios se apresentam; desafios estes que diariamente põem à prova as ações e habilidades de professores em sala de aula. O presente trabalho tem como finalidade identificar os desafios encontrados por docentes no processo de ensino e aprendizagem relacionados à adaptação e inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), em escola comum. Nessa perspectiva, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em importantes repositórios, relato de família atípica e, também, aplicado um questionário a alguns professores. Tais quais estão em vigência na área, assim nos mostrando que uma formação continuada, fácil acesso a materiais adaptados e ambientes adequados para receber esses alunos, seriam grandes estratégias para se ter êxito na inclusão e adaptação de crianças com TEA. Ainda cabe aqui dizer que a inclusão de alunos no Espectro pode ter grandes resultados positivos quando a família e escola trabalham de forma colaborativa, trabalho esse que visa a compreensão, o respeito e o carinho direcionados tanto a criança com TEA, a equipe pedagógica e a família.

Palavras-chave: Autismo; docente, aprendizagem, planejamento, escolar.

ABSTRACT

In the school environment many challenges are presented; challenges that put teachers' actions and skills to the test in the classroom on a daily basis. This work aims to identify the challenges encountered by teachers in the teaching and learning process related to the adaptation and inclusion of students with Autistic Spectrum Disorder (ASD) in a normal schools. In this perspective, bibliographical research was carried out in important repositories, atypical family reports and, also, a questionnaire was applied to some teachers. Such ones are in effect in the area, thus showing us that continuing education, easy access to adapted materials and suitable environments to receive these students, would be great strategies to be successful in the inclusion and adaptation of children with ASD. It is also worth saying that the inclusion of students in the Spectrum can have great positive results when the family and school work collaboratively, work that aims at understanding, respecting and caring for both the child with ASD, the pedagogical team and the family.

Keywords: *Autism; teaching, learning, planning, school.*

¹ Artigo realizado na disciplina de Trabalho Final de Graduação II, do curso de Pedagogia à Distância, da Universidade Franciscana.

² Autora. Acadêmica do Curso de Pedagogia à Distância, da Universidade Franciscana.

³ Orientadora. Professora do Curso de Pedagogia à Distância, da Universidade Franciscana.

INTRODUÇÃO

No ambiente escolar são apresentados grandes desafios aos professores; sejam eles na atmosfera cultural, social ou, especialmente, na atmosfera inclusiva. Nesse sentido, entendemos que refletir sobre esses desafios e buscar possibilidades de enfrentamento nem sempre é fácil, porém é de suma importância trazê-los a realidade e a discussão. Sobre a inclusão, é pertinente lembrar que está ligada ao ambiente de ensino, mas, também, faz parte de outras dimensões da vida, o que significa que o desenvolvimento das crianças incluídas melhora quando todos esses espaços de inserção estão em consonância.

Logo, a investigação apresentada tem a intenção de compreender *como os professores de anos iniciais realizam a adaptação do planejamento de aula de crianças com autismo*, a fim de *abordar os principais desafios encontrados por esses educadores no processo inclusivo desses alunos no âmbito escolar*. Sendo assim, associando a uma análise teórica e busca de informações em campo, pode-se ter uma outra perspectiva em relação a educação inclusiva.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurológica, ou seja, é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades observados em seu cotidiano. Nesse sentido, ao observarmos os desafios pedagógicos existentes para crianças com TEA, quer no sentido das relações educador-educando, educando-educador, educador-família, entende-se a necessidade de encontrar possibilidades de superá-los para que os alunos com autismo vivenciem um processo de escolarização significativo e que contribua para com seu desenvolvimento.

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/9.394, 1996), em seu Art. 5º, “o acesso à educação básica obrigatória é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída e, ainda, o Ministério Público, acionar o poder público para exigi-lo”. Nesse sentido, toda e qualquer criança tem direito a educação básica, independente de suas especificidades, crianças atípicas ou típicas, todas tem o direito de permanência em escola regular, claro que essa afirmação ainda está sendo implantada na sociedade, evoluindo aos poucos em ambiente escolar, em especial na escola pública.

Vale salientar que, para educar uma criança diagnosticada com autismo requer um olhar acolhedor e sem julgamentos, em que se faz necessário o uso de materiais adaptados, assim como adaptar um ambiente adequado a essas crianças, para que os educandos se sintam acolhidos, pois assim haverá sucesso no desenvolvimento escolar, como também terão vivências agradáveis geradas por uma rotina no qual toda a criança necessita. Diante da realidade escolar da inclusão e adaptação de crianças com TEA, a busca por conhecimento torna-se algo imprescindível, pois somente através de um conhecimento amplo o educador poderá contribuir para escolarização eficaz desses alunos.

Na tentativa de encontrar hipóteses ao problema de pesquisa, o presente trabalho, que tem por objetivo *entender os desafios encontrados pelo educador na inclusão de alunos com TEA*, se realizou a partir de uma revisão de bibliográfica, que por si só é importante para o entendimento do processo e desafios para inclusão de qualidade no ambiente escolar, especialmente em sala de aula. Assim, este trabalho tem como base teórica as produções teóricas de diferentes autores registradas nos repositórios do Scielo Brasil, Grupo Unis e da Universidade Federal da Fronteira do Sul (UFFS). Ainda, para compreender melhor as estratégias de inclusão e adaptação escolar, realizou-se um breve questionário com **três** professores dos anos iniciais de uma escola privada de Santa Maria. Sabemos que para termos melhor compreensão acerca da temática, é importante ouvirmos os professores experientes. Isso nos trouxe entendimentos de grande valor que consistem em uma ampliação de resultados

convenientes ao tema tratado, assim as afirmações se tornaram mais concretas na perspectiva da ótica escolar inclusiva.

METODOLOGIA

A realização desse trabalho deu-se através de pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2002, p. 44), “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Contudo, ela não se resume a busca de uma “verdade absoluta”, mas, sim, auxilia o pesquisador a elaborar as respostas a todos os “porquês” envolvidos pela pesquisa, ampliando o seu conhecimento acerca da temática escolhida

De acordo com Fonseca (2002, p. 32), uma pesquisa bibliográfica é realizada a partir do “levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de web sites”, que auxilia o pesquisador a ter clareza sobre as principais questões teóricas pertinentes ao tema escolhido.

Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

A pesquisa bibliográfica colabora com o trabalho do investigador, podendo deixar cada vez mais enriquecedor a análise da temática escolhida, já que o coloca diante de novas informações sobre o assunto de seu interesse.

Segundo Fonseca (2002) a pesquisa bibliográfica contribui com o desenvolvimento do trabalho, através de publicações descritas anteriormente, assim o pesquisador terá uma contribuição mais ampla para o tema escolhido. Nesse sentido cabe ao pesquisador instituir estratégias de pesquisas bibliográficas que colaborem para o desempenho do trabalho através do tema proposto.

Nessa perspectiva, Demo (2000) afirma que a ideia da pesquisa bibliográfica é induzir o contato pessoal do pesquisador com as teorias, por meio da leitura, levando a interpretação própria do objeto de análise ou tema de análise. Assim, através da pesquisa o tema abordado poderá tornar-se mais compreensivo aos olhos do leitor, trazendo de forma mais clara o que o autor pretende passar através do objeto estudado. Os conceitos abordados servem para o auxílio e compreensão dos fatos vividos pelo educador na inclusão de alunos com TEA, essa associação teórica dos descritos nos artigos facilitará uma abordagem mais rica em relação ao tema escolhido.

Ainda, na busca por respostas ao problema de pesquisa e na tentativa de compreender melhor os desafios que os professores que atuam diretamente com alunos no espectro autista encontram no cotidiano, no que tange a inclusão destas crianças e a adaptação dos materiais, elaboramos um breve questionário, o qual foi aplicado a três professores dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola privada, da cidade de Santa Maria/RS.

O questionário é um instrumento de investigação que poderá nos proporcionar resultados e informações sobre determinado tema com maior fidedignidade, já que nele estão registradas as narrativas do sujeito sobre determinado tema; sendo assim, os questionários aplicados aos professores serviram como um “preenchedor das lacunas” a fim de entendermos os desafios da inclusão de crianças com espectro autista em sala de aula.

De modo geral, o questionário deve ser previamente testado (pré-testes), mediante a sua aplicação a um grupo pequeno, antes de sua aplicação ao conjunto dos sujeitos a

que se destina, o que permite ao pesquisador avaliar e, se for o caso, revisá-lo e ajustá-lo (SEVERINO, 2007, p. 125).

As narrativas dos docentes nos proporcionaram uma visão mais rica a respeito dos desafios que esses professores encontram no seu dia a dia em sala de aula, esses dados demonstram as principais dificuldades vivenciadas no processo de inclusão e adaptação no ambiente escolar. Contudo, vale compreender que apesar dessa dificuldade há um caminho cheio de possibilidades e estratégias para que haja melhorias diante desse processo, pode-se dizer que não é um caminho fácil, porém há com certeza grande chance de sucesso.

De acordo com Mota (2020), diante das áreas afetadas no desenvolvimento de crianças com TEA é imprescindível que tenhamos um olhar mais amplo e complexo, não se detendo apenas aos saberes disciplinares nem a uma visão simplista de olhar o transtorno a partir de uma única perspectiva. Dada essa afirmação, devemos encarar a adaptação do ensino convencional na ótica dos alunos no espectro e também rasgar o véu do autismo enxergando do outro lado a criança que ali se encontra, seguindo em uma direção segura e acolhedora para tal aluno, que nesse sentido, irá sentir que o ambiente escolar faz parte da sua rotina o mantendo mais confortável possível diante do processo de aprendizagem.

Enxergar além do autismo pode ser desafiador para o educador, porém é de suma importância reiterar que uma adaptação inclusiva irá estreitar os laços entre professor e aluno, nesse sentido diversificar o processo de aprendizagem a alunos com TEA irá também enriquecer o processo de inclusão.

O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) - DO CONCEITO À INCLUSÃO DE ALUNOS NO ENSINO REGULAR

Para entendermos a condição do autismo, precisa-se primeiramente ter compreensão quer histórica, quer teórica sobre esse transtorno. Segundo Grandin e Panek (2016, p. 13), “o diagnóstico de autismo é de 1943, quando Leo Kanner, médico da Universidade Johns Hopkins e pioneiro da psiquiatria infantil, o propôs em um artigo”. O autismo é hoje conhecido como Transtorno do Espectro Autista (TEA), o que se refere a uma condição neurológica, ou seja, por ser uma condição o autismo não é tratado como uma doença, pois não existe cura.

O autismo pode trazer consigo algumas comorbidades como: Transtorno Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno Opositor Desafiador (TOD), distúrbio do sono, seletividade alimentar, ansiedade, movimentos estereotipados, dificuldades em socializar e outros transtornos do neurodesenvolvimento. Pessoas diagnosticadas com autismo poderiam ser consideradas como grau leve, grau moderado e grau severo, porém nos dias atuais essa nomenclatura caiu por terra, sendo o grau leve hoje conhecido como nível 1, (quando o autista precisa de pouco suporte) grau moderado como nível 2 (quando o autista necessita de um suporte razoável) e grau severo como nível 3 (quando o autista necessita de muito suporte). Esses níveis representam a condição de ajuda que cada indivíduo necessita.

Para Brito (2015, p.82) o autismo é uma “síndrome complexa que afeta três importantes áreas do desenvolvimento humano que é a comunicação, a socialização e o comportamento”. Com essa afirmação compreende-se que as três esferas citadas pelo autor devem ser levadas em consideração para uma compreensão mais ampla no que se trata a uma pessoa diagnosticada com autismo.

Em uma sociedade que possui na atualidade um despertar para políticas inclusivas, como citado na Constituição Federal de 1988, art. 205, que diz: “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Para entendermos melhor, um trabalho colaborativo de certa

forma, “sustenta” o sistema da educação inclusiva, pois uma sociedade engajada com a educação contribui e favorece uma aprendizagem de qualidade a todos. Sendo assim, podemos contar principalmente com os relatos da experiência de professores em sala de aula que possuem alunos com TEA, ou que já trabalharam com os mesmos e, também com uma escola que possua equipe multidisciplinar para colaborar no auxílio do desenvolvimento de crianças no espectro

Nesse sentido, a adaptação de materiais e a adaptação de um ambiente adequado para receber tais alunos é de suma importância para o desenvolvimento escolar, fazendo com que as vivências nesse ambiente se tornem mais agradáveis acarretando a uma rotina no qual a criança com autismo precisa ter, com tudo sabe-se que as adaptações nem sempre são produzidas, pois o educador enfrenta dificuldades em conseguir recursos para essas construções tornando assim efetivo o aprendizado.

Além das dificuldades encontradas nas adaptações de materiais, muitos professores também se encontram despreparados para ensinar alunos incluídos, sentindo-se impotentes e muitas vezes frustrados com essas diferenças em sala de aula. A inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral. Os alunos com deficiência constituem uma grande preocupação para os educadores inclusivos. Todos sabemos, porém, que a maioria dos que fracassam na escola não vem do ensino especial, mas possivelmente acabará nele (MANTOAN, 1999).

Quando se fala em inclusão, se fala também em direitos, ou seja, a inclusão escolar está associada a constância de alunos na escola, que tem como propósito tornar o ensino mais inclusivo e acessível a todos, assim respeitando suas diferenças, particularidades e especificidades que cada aluno traz consigo, nesse sentido qualquer deficiência e transtornos devem ser levadas em consideração. A ideia principal da inclusão é possibilitar uma vivência igualitária a todos sem exceções, respeitando assim cada indivíduo conforme sua necessidade.

[...] uma inclusão realizada sem as devidas ponderações a respeito de todo o contexto em questão, pode se tornar a mais perversa das exclusões. Aquela que acontece dentro do ambiente escolar, em que o aluno é mantido na escola e ainda assim não consegue evoluir em seu processo. Em síntese[...] pode-se dizer que para que o processo de inclusão escolar de alunos com autismo seja bem sucedido é preciso atender as três condições básicas. São elas: 1) Conhecer e estudar as características comuns às pessoas com autismo: 2) Definir a forma de atendimento educacional a ser ofertado, concomitantemente com a turma comum e 3) Desenvolver estratégias adequadas de atuação pedagógica em sala de aula, respondendo as necessidades educacionais especiais de alunos com autismo, os quais devem ser avaliadas sistematicamente. (MOTA, 2020, p. 73 apud MENEZES, 2012, p.53)

Corroborando com essa ideia, cabe salientar que os profissionais da educação devem estar preparados para receber crianças com autismo, aprendendo ainda mais sobre suas particularidades e especificidades, pois cada autista é único, ou seja, nenhum é igual ao outro e por isso a importância de estar ciente sobre o assunto de inclusão escolar. Contudo cabe ao professor e equipe pedagógica dar a devida atenção aos seus alunos que estão no Espectro, ofertando uma aprendizagem de qualidade e significativa para cada um dos discentes.

NARRATIVAS DOCENTES: O AUTISMO SOB A ÓTICA DOS PROFESSORES

Sabemos dos desafios que o professor enfrenta ao receber uma criança com diagnóstico de autismo, pois eles têm que organizar o material e seu plano de aula adaptado.

Na minha opinião, na área de Linguagens - Língua Inglesa, as dificuldades estão primeiramente encontrar as potencialidades e limitações de cada aluno e, depois, equilibrar o material didático dentro dessas características e mantê-lo dentro da

disciplina. Para somar a essas duas dificuldades, ainda temos a questão de realizar isso para todos os alunos com TEA. Para finalizar gostaria de comentar também sobre a dificuldade da aplicação das atividades adaptadas em uma sala de aula (Teacher, Questionário, 2023).

Tempo para planejar e adaptar os materiais; ideias de materiais (físicos) para explorar (Diego, Questionário, 2023).

De acordo com as narrativas, percebemos o difícil acesso a materiais ou até mesmo adaptar materiais e com isso da mesma forma o ensino se torna pobre no sentido em que o professor precisa ensinar conteúdos complexos gradualmente.

Ainda, a professora Margarida disse que a falta de “parceira da escola, formação da equipe, formação de auxiliares e monitores, a sobrecarga e pouco auxílio” são obstáculos que o docente enfrenta no seu dia a dia em sala de aula. Percebemos isso no excesso de trabalho, com turmas gigantescas e com personalidade variável.

Os professores, quando questionados sobre a importância de uma formação, relatam as dificuldades pedagógicas em relação a alunos com TEA, nesse sentido em que a escola colabora para que o professor tenha êxito nas adaptações?

Na escola em que atuo, há uma dinâmica de trabalho colaborativo. Entretanto, as demandas são muitas. Ainda sinto falta de formação para auxiliares e monitores. Desse modo, os professores acabam fazendo um trabalho sozinho... Tentando atender crianças, famílias, trabalho pedagógico, e demandas escolares. Por mais sensível e cheio de boas intenções que tenha o professor, há uma solidão gigantesca. Infelizmente, em muitos momentos não damos conta... Mesmo querendo. É preciso interesse e investimento de tempo por parte do docente (Margarida, Questionário, 2023).

A escola tem uma professora orientadora de AEE que está disponível para auxiliar os professores com atendimento e adaptações para inclusão, no entanto ainda há uma falta de uma formação de excelência (Teacher, Questionário, 2023).

Para Diego o “trabalho colaborativo” é de extrema importância para se obter um resultado significativo diante de tantas demandas. Ainda, de acordo com os relatos dos professores, uma formação de qualidade é o que ainda se faz necessário para se obter uma adaptação inclusiva de sucesso, pois apesar de todos os esforços da parte docente, ainda há essa dificuldade em criar estratégias pedagógicas por muitas vezes não obter o apoio fundamental em relação à formação.

Para que haja inclusão não basta apenas adaptar materiais, mas adaptações estruturais e no corpo pedagógico multidisciplinar, são considerados de grande peso para um alinhamento com o docente no que tange a evolução no quadro do discente.

Sensibilidade, compreensão do outro como sujeito potente e de direitos, busca por adaptações escolares... Materiais, compreensão do tempo do estudante etc.. não acho que todas as crianças precisam ficar 4/5 horas em sala, crianças por si possuem tempos diferentes. Com relação a educação especial, acho que a educadora poderia organizar momentos para trabalhar em outro espaço com as crianças atendendo seus limites, mas dentro das propostas de trabalho da professora regente (um trabalho compartilhado/colaborativo). Ao mesmo tempo entendo que uma educadora não atende à demanda (Margarida, Questionário, 2023).

No momento acredito que seria necessário a presença de mais professores auxiliares dentro da sala de aula. Além de mais professores orientadores de AEE nas escolas (ou pelo menos um que esteja sempre na escola) (Teacher, Questionário, 2023).

Mudanças na estrutura física da escola, ampliando os acessos e buscando maior acessibilidade. Ampliar a carga horária e/ou número de profissionais de educação especial. Formação continuada na área (Diego, Questionário, 2023).

Diante desses argumentos, cabe salientar que a forma da prática inclusiva que se estabelece no ambiente escolar ainda é vago, pois além de materiais adaptados há a necessidade de que o ambiente também seja adaptado conforme a necessidade da criança, nesse sentido vale ressaltar que o ambiente onde a criança com autismo se encontra pode haver várias possibilidades de estímulos, nos quais poderão desencadear diversas crises sensoriais.

A criança precisa de uma rotina estabelecida, ela precisa de um espaço de refúgio onde possa se reorganizar novamente. Sendo assim, quando se estabelece uma rotina de forma clara e objetiva para esses alunos, de veras serão minimizados os comportamentos indevidos que podem ocorrer diante de fatos inesperados na escola. Por isso, firmar uma rotina é importante, pois assim a criança consegue organizar seu dia, de modo que ela conseguirá prever as atividades propostas durante o turno na escola.

Para alunos com TEA qualquer mudança em sua rotina pode trazer à tona comportamentos desajustados, pois eles são inflexíveis a mudanças. Uma forma de evitar esses comportamentos é antecipar o aluno de forma clara que haverá alguma mudança naquele dia, pois sabemos que no ambiente escolar é praticamente impossível não sofrer alterações na rotina. De acordo com Barbosa (2006, p. 35), “uma rotina adequada torna-se um instrumento facilitador da aprendizagem, ela permite que a criança estruture sua independência e autonomia, além de estimular a socialização”. Sabemos que cada criança tem seu tempo, porém gerar estímulos para que a criança se torne autônoma é de certo um facilitador no sentido que a criança interaja e socialize de forma que ela se sinta incluída e segura dentro de um determinado grupo. Para que isso aconteça é importante que pense e estruture estratégias eficazes de ação que evitem o sofrimento desnecessário da criança com autismo e comprometa o avanço do trabalho realizado pelo educador que desempenha um planejamento adaptado de qualidade e por fim acaba perdendo tudo por falta de uma rotina não estruturada.

Dessa forma, pode-se dizer que a falta de profissionais capacitados como professores de Atendimento Educacional Especializado (AEE) também colabora para que o professor se sinta sobrecarregado e muitas vezes frustrado por não conseguir ou até mesmo não saber o que fazer diante de uma crise típica no espectro.

Sabemos que estratégias devem ser consideradas significativas no processo inclusivo, nesse sentido a socialização é fundamental para qualquer criança, nesse caso uma criança autista tem a preferência em se isolar de forma intencional, pois ela possui dificuldade em socializar. Diante disso, o professor tem um papel imprescindível para fomentar a interação.

Exploro a participação em aula; atividades em dupla com colegas diferentes, ampliando a socialização; privilegiando o protagonismo durante as atividades (Diego, Questionário, 2023).

Minha aluna tinha muita dificuldade em se relacionar devido diversos fatores. Um deles era a dificuldade de respeitar o outro o espaço do outro... A empatia. Então busquei por diversas vezes auxiliar nesse processo, mediando por vezes as brincadeiras nos recreios para que ela não ficasse sozinha... Ao mesmo tempo fazendo com que ela percebesse o limite e o espaço do outro. Ainda, conversando com as demais crianças de forma indireta para que percebam a estudante como parte da turma, buscando adaptações nas atividades e momentos da sala que atendessem seus interesses e outras estratégias que fossem cabíveis, em acordo com as vivências do cotidiano (Margarida, Questionário, 2023)

A falta de interação de uma criança autista também se dá a dificuldade em manter-se em uma conversa na qual não seja relacionada a algo do seu interesse, ou seja, uma criança com

autismo acaba falando do mesmo assunto repetidas vezes e isso faz com outras crianças percam o interesse no diálogo.

Ressaltamos para que o aluno com TEA possa superar os obstáculos vivenciados em seu dia a dia escolar é imprescindível que a família esteja acompanhando toda a movimentação da escola, buscando uma comunicação aberta, se tornando uma grande aliada no processo de ensino e aprendizagem, promovendo assim um trabalho colaborativo entre escola e família, facilitando as adaptações a que se refere inclusiva.

NARRATIVAS FAMILIARES: COMO A FAMÍLIA VÊ O AUTISMO EM RELAÇÃO A APRENDIZAGEM

Os fatos descritos de uma família com criança diagnosticada com TEA revela os muitos desafios vividos com eles no cotidiano escolar. Desafios do sentido aluno/escola, pois revelam momentos de frustrações e incertezas referente ao aprendizado e ao desenvolvimento da criança quer na esfera intelectual, assim como na esfera social.

Através de relatos vividos por pais de aluno com TEA que reflete a realidade de muitas famílias atípicas, declaram vivências de dias ou até mesmo semanas em que a criança não consegue realizar as propostas pedagógicas implantadas através de atividades adaptadas para o seguimento do desenvolvimento escolar, sendo assim esses relatos nos trazem uma realidade no qual nem mesmo a família está preparada para tanto, pois momentos de crises acabam se tornando constantes e até mesmo rotineiro para essa criança.

Os múltiplos estímulos que uma sala de aula possui, sem dúvidas colaboram para desencadear essas crises, na qual como a própria família relata, que tem sido desafiador cada dia vivido na escola. A família juntamente com a escola tem procurado soluções para que a criança tenha vivências positivas durante esse processo de adaptação e inclusão, porém o que se torna mais desafiador é que a criança em si está no terceiro ano dos anos iniciais, ou seja, os estímulos e seriedade do ambiente são muito maiores do que as dos anos anteriores e com isso a criança quer voltar a rotina passada. A família relata que tem sido importante o apoio pedagógico não só da escola, mas como também da equipe multidisciplinar, que em contato com a escola propõe estratégias para vencer esse desafio diário. Contudo, a família sente-se esperançosa, pois compreende que dentro do espectro o processo de aprendizagem pode não ser muito atrativo para criança.

[...] o período em que se estabelecem as novas bases teóricas suscitadas pela mudança de paradigmas é bastante difícil, pois caem por terra os fundamentos sobre os quais a ciência e os conhecimentos se assentavam, sem que se fiquem de todo os pilares que sustentarão daí por diante (MANTOAN, 2015, p. 21).

Na teoria a inclusão se torna algo utópico, ou seja, algo muito bom, algo que de fato é um direito de todos que necessitam, porém na prática essa realidade não é tão bela assim, falando de um ambiente escolar, nem sempre será ofertado a uma criança com TEA uma sala de recursos adequados, onde essa criança possa se reorganizar.

Uma criança com TEA, traz consigo um distúrbio do neurodesenvolvimento atribuído por um desenvolvimento atípico, ou seja, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados e ainda podendo apresentar um conjunto restrito de interesses e atividades. Dito isso, é imprescindível que a criança tenha um espaço onde possa liberar estímulos apanhados em sala de aula, lugar esse que há grande movimentação causando assim uma sobrecarga sensorial que, muitas vezes, é demonstrada através de grande agitação e agressividade tanto para consigo, quanto para aqueles que estão a sua volta, ambiente cujo qual a criança com TEA não está em

condições de desenvolver um aprendizado com harmonia, gerando assim um desafio mútuo entre aluno e professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, para aclarar as considerações finais desta pesquisa, trazemos a importância de uma educação inclusiva voltada a alunos com transtorno do espectro autista, uma educação que possa promover um ensino de qualidade facilitando o acesso a alunos em escola regular, assim como elucidar uma forma adequada e facilitadora em adaptar materiais de modo que colabore diretamente no processo de aprendizagem. Nesse sentido, buscamos fontes onde pudessem contribuir para com o resultado dessa pesquisa.

Diálogos entre pesquisador, professores e família trazem à tona as dificuldades encontradas para que o aluno se sinta parte da comunidade escolar, assim como as dificuldades que os professores encontram nas adaptações estruturais na escola, assim como na adaptação de materiais que façam parte do plano pedagógico. Ainda ressaltamos que uma formação de qualidade aos educadores é de suma importância para a evolução desses alunos.

Como vimos, os muitos desafios encontrados pelo educador e pela criança no processo da inclusão são em sua maioria comum a muitos casos existentes no âmbito escolar, com isso, pode-se aos poucos procurar desenvolver estratégias para obter o melhor resultado. Contudo, protocolar métodos de ação poderá ser uma realidade no futuro, ainda assim, passo a passo alcançaremos uma inclusão de qualidade produzindo também um ensino de qualidade a esses alunos.

O respeito a individualidade de cada aluno autista também colabora com o processo de inclusão desenvolvendo assim suas potencialidades, pois cabe ao educador ter um olhar sensível, observador, compreendendo as limitações que esses alunos apresentam, pois todos possuem características incomuns, todavia, cada um possui suas diferenças e nesse sentido o que pode ser bom para um, poderá não ser bom para o outro, portanto, destacamos, que é de extrema necessidade que o professor e toda equipe pedagógica obtenham uma formação de qualidade para atender essa demanda de alunos que tem crescido dia após dia, pois é de suma importância que esses profissionais estejam preparados cooperando e auxiliando na evolução e desenvolvimento desses alunos.

Concluimos que, um trabalho colaborativo entre professor, família, escola e equipe multidisciplinar como, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, psicólogos, entre outros, colabora e muito para o desenvolvimento cognitivo e social de alunos com TEA, os favorecendo de forma que possam perceber sua capacidade de produção no contexto escolar, apesar de suas limitações. Além disso, também acarretam para uma inclusão de sucesso, uma formação continuada aos educadores, investimento em melhorias de ambientes adequados para receber esses alunos e o mais importante, a valorização dos mesmos em ambiente escolar, respeitando suas diferenças e especificidades, pois cada autista é único.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **A rotina nas pedagogias da educação infantil: dos binarismos à complexidade.** Currículo sem fronteiras, v.6, nº1. pp.56-69, Jan/Jun 2006.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB.** 9394/1996. BRASIL.

BRITO, Elaine Rodrigues. **A inclusão do autista a partir da educação infantil:** Um estudo de caso em uma pré-escola e em uma escola pública no Município de Sinop - Mato Grosso, Revista Eventos Pedagógicos Articulação universidade e escola nas ações do ensino de matemática e ciências v.6, n.2 (15. ed.), número regular, p. 82-91, jun./jul. 2015.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípios científicos e educativos.** 7. ed. São Paulo: Cortez 2000.

FONSECA, João José Saraiva; MORAIS, Adílio Moreira. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRANDIN, Temple; PANEK Richard. **O cérebro Autista: Pensando Através do Espectro.** 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Sumos, 2014.

MOTA, Carol. **Autismo na Educação Infantil: Um Olhar para Interação social e inclusão escolar.** 1.ed. Curitiba: Appris, 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 23. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Denise Guerreiro Vieira da; TRENTINI, Mercedes. **Narrativas como técnica de pesquisa em enfermagem.** Rev. Latino-Am. de Enferm. Maio/Jun.2002;10(3).